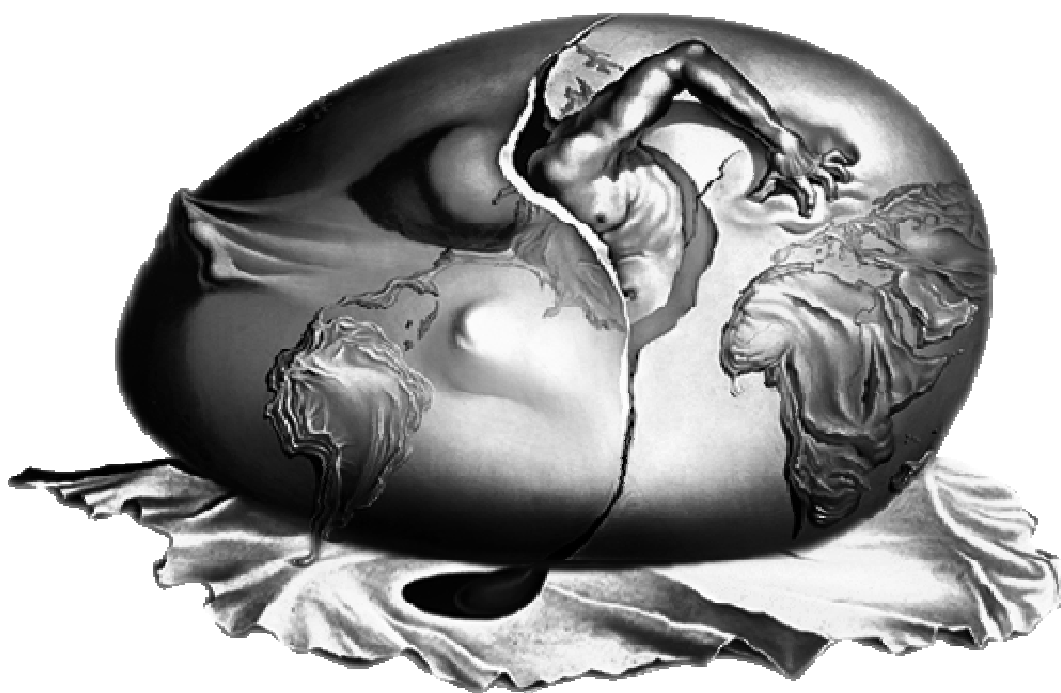


BOLETIM ***PRESENÇA***

ANO II, nº 05, 1995



UNIR

SER MULHER E CAMPONESA

Regina Sader

Resumo

As mulheres trabalham muito. Mais que os homens. Socam o arroz no pilão, cuja mão pesada não sentem mais. Com a peneira jogam o arroz para o alto, e com movimentos precisos separam a palha. Andam léguas mata adentro onde vão em grupos ajuntar o côco babaçu, cortá-lo com um golpe seco em cima da lâmina do machado pesado que carregam. O Norte de Goiás, como boa parte da zona de "fronteira agrícola", tem a população rural concentrada em povoados.

Palavras-chave: mulher, camponesa, fronteira agrícola, agricultura familiar.

Abstract

The women work a lot. Plus than the men. They beat the rice in the crusher, whose heavy hand doesn't sit down more. With the sieve they play the rice for the high, and with necessary movements they separate the straw. They walk leagues forest inside the where they are going in groups to gather the côco babassu, to cut him/it on top with a dry blow of the sheet of the heavy axe that you/they carry. The North of Goiás, as good part of the zone of " agricultural " border, has the concentrated rural population in towns.

Words-key: woman, farmer, agricultural border, family agriculture.

O Norte de Goiás, como boa parte da zona de "fronteira agrícola", tem a população rural concentrada em povoados. A paisagem deste é marcada pelas casas cobertas de palha de babaçu, que transborda das paredes dando impressão de aconchego. As casas têm a cor da terra, são de taipa, e com a palha seca, fazem parte da paisagem, não agridem, formam um todo harmônico, onde o ocre é a cor que predomina, rompida cá e lá pelos beijos-de-frade e marias-sem-vergonha que crescem em frente às portas de entrada. Os quintais nem sempre têm cercas, mas uma árvore frutífera qualquer, ou uma sebe de maracujá marcam os limites hipotéticos entre vizinhos. Os porcos e galinhas correm soltos por entre as casas e as ruas do povoado. em razão disso, as hortas são suspensas: um girau recoberto de palha sustentando a terra adubada, onde vicejam cebolinhas, tomates, beringelas.

Alguns povoados se distinguem pela beleza da população. Cena corriqueira é ver uma mulher vindo do rio ou do poço de algum vizinho, com o balde d'água equilibrado com maestria no alto da cabeça, com a roupa molhada modelando um corpo esguio e sensual, seus braços esboçando gestos leves e delicados, apressando os filhos maiores que vêm brincando atrás dela.

Crianças por toda a parte, de todas as idades. Raros adolescentes. Como se se saísse da infância para a vida adulta quase sem transição.

À noite, as lamparinas de querosene brilham na escuridão pelas ruazinhas do povoado. São os vizinhos indo de uma casa a outra para conversar, sentados em banquinhos de assento de couro, iguais em toda a área. A conversa flui fácil, sobre a colheita próxima ou passada, de arroz, milho, feijão, sobre as histórias de cobra ou de onça que ainda outro dia passavam dentro do povoado; sobre a luta pela terra, sobre a queima de casas e paióis de arroz perpetrada por "jagunços", e outros desmandos a mando do "grileiro" que assola as vizinhanças. Com um pouco de confiança, contarão casos sobre os "homens da mata", nome dado aos "guerrilheiros do Araguaia", sobre a repressão que abateu sobre eles, pobres camponeses desses povoados perdidos, sem luz elétrica, sem postos de saúde, frequentemente sem escolas, sem telefone, e muitas vezes, sem meios de transporte.

Aparentemente há um destino inexorável quando se é mulher e camponesa. D. Paulina dizia a respeito de uma neta casada recentemente, aos 15 anos:

"... é melhor mesmo casar cedo. A gente está moça, está forte. Porque a gente tem que pilar o arroz, cortar côco babaçu pra ajudar o marido e trabalhar na roça pra comer. Melhor cedo. Porque cedo a gente termina de ter toda a filharada e aí a gente ainda tá viva quando os filhos crescerem e ajudarem a gente. Veja eu, com meus filhos me ajudando. Agora minha vida tá maneira e eu tô viva aproveitando ela."

É de noite e estou sentada na frente da casa de D. Paulina, na praça do povoado. São vários os vizinhos, formando um semi-círculo em frente dos degraus da varanda. Mas a vida "maneira" de D. Paulina começa à 4:30 da manhã, quando ela se levanta para fazer o almoço da filha solteira que parte para a roça. A neta adolescente é quem vai buscar a água no rio, mas é ela que se ocupa da casa que com a morte do marido compõem-se hoje, além da filha, da neta e de um netinho de 8 anos. Tem mais de 70 anos. Seus 12 filhos estão casados e moram no mesmo povoado.

Um homem ao meu lado participa da conversa e diz:

"E é bom ter muito menino, porque já descança a mãe. Menino com 3,4 anos já pode encarregar de uns servicinhos dentro da casa: 'Menino, vai me buscar um copo d'água' ou 'menino, vai na casa de cumadre dá esse recado'..."

Todos assentem gravemente com a cabeça quando seu Antônio afirma categórico:

"Mulher é como a cumieira da casa. Doente ou faltando, tudo desaba na vida de um homem".

De manhã cedinho, da janela eu vejo as mulheres descenderem para o rio. Vão lavar roupa, buscar água, lavar louça, carregando um filho nas ancas, muitas com seus ventres bojudos, indiferentes ao peso que carregam na volta, subindo o barranco íngreme.

As mulheres trabalham muito. Mais que os homens. Socam o arroz no pilão, cuja mão pesada não sentem mais. Com a peneira jogam o arroz para o alto, e com movimentos precisos separam a palha. Andam léguas mata a dentro onde vão em grupos juntar o côco babaçu, cortá-lo com um golpe seco em cima da lâmina do machado pesado que carregam. Uma parte da produção será reservada ao consumo doméstico: o côco é socado e cozido na água, até

o óleo se desprender. As fervuras sucessivas permitirão a separação do óleo que será utilizado na cozinha e no feitiço de sabão quando misturado com soda. A casca do côco será queimada para fazer carvão. Durante 15 anos, um pouco menos, um pouco mais, desde que se casam elas cumprem essas tarefas quase sempre grávidas ou com um nenê no colo. As crianças até 2, 3 anos são banhadas várias vezes ao dia "pra não ficarem doentes". É a sabedoria popular contra brotoejas e a desidratação. As mulheres auxiliam os homens no plantio e trabalham na colheita. a diferença é só no vocabulário. Elas só não participam da limpa ("broca") do terreno porque "brocar é trabalho pesado, é serviço de homem".

Mas, D. Elisa, essa fazia "serviço de Homem":

"...tive 16 filhos, só 7 mortos... eu dei leite de peito pra eles, e ainda trabalhava na roça e tirava até lenha pra vender pra lancha. A senhora ouviu que andava lancha por aí? pois eu tirava lenha pra lancha, tirava 500 achas (*pedaço de madeira com cerca de meio metro*) num dia. Me esgotei. Uma mulher tirar 500 achas. Pegava de manhã na mata, cortava, e de tarde dava ela arrumada. Nem todo homem faz isso. Pois é, trabalhando assim, tirando azeite de fruta, de andiroba, de mamona, pra vender por dez 'tão (*dez tostões equivalia a 1 mil réis*) a garrafa. prá criá meus filhos. Sabe, eu não tive felicidade com marido. Eu fui casada do 1º, óia esse golpe que ele me deu (mostra uma enorme cicatriz na testa acima do olho direito). Foi bárbaro o sofrimento. Larguei dele e fui casada com outro que não era malcriado. Mas não se importava com nada. Quem lutava era eu pra criá esses filhos como criei, graças a Deus. E hoje com 76 anos, me acho tão fraca..."

Ainda que em certos povoados haja uma divisão nítida de tarefas -só mulheres catam e cortam côco babaçu, só homens fazem carvão, como só homens, e isso é geral, brocam a terra para o plantio- no nível do político essa divisão esmaece.

D. Maria é da diretoria do sindicato rural. Foi escolhida por seus pares. "É mais direta e fala mais fácil" que o marido que encara com naturalidade ter que ficar com os filhos para que ela participe de reuniões nos povoados e municípios vizinhos. D. Jacira, em outro povoado, foi candidata a prefeita pelo PT. Seu marido, líder do povoado onde é chefe da capela, lidera também a luta contra o "grileiro" local, e diz que ela tem as idéias mais claras que ele quando se trata de política e organização.

Natalina, em outro povoado ainda, candidata derrotada a vereadora nas ultimas eleições, é também catequista e ativista na luta dos posseiros, além de

trabalhar na roça comunitária. Solteira, melhor diria, solteirona com 32 anos, pelos padrões locais, hesita entre dois pretendentes, ambos "da luta", que a pediram em casamento, e ambos mais jovens que ela.

Lentamente as mulheres se impõem, e se rebelam, como D. Branca, mãe de 4 filhos que um dia apanhou do marido que havia bebido mais do que costumava. Arrumou seus pertences, pegou as crianças mais novinhas e andou 4 léguas para chegar a outro povoado. E lá ficou 6 meses com o apoio dos companheiros desse povoado, e o seu de origem, onde ficara o marido. Só voltou quando este diante dos companheiros prometeu nunca mais "levantar a mão" contra ela, e se desculpou diante dos filhos. Entre D. Elisa e D. Branca a diferença não é apenas uma questão de anos, pois enquanto D. Elisa teve que mudar-se "para bem longe" do povoado em que deixava seu marido "criticada por todos", D. Branca teve o apoio do grupo mais consequente, engajado na luta pela posse da terra. Luta que além de mudar formas de propriedade, com a instalação de roças comunitárias, traz a participação da mulher na vida política e o reconhecimento de sua existência para além do trabalho doméstico.

*** Professora Dra. em Geografia.**